

Na Fundação María Cristina Masaveu Peterson, queremos acreditar que poucas manifestações artísticas nos são estranhas, muito especialmente a fotografia, com a sua crescente importância e esplêndida maturidade.

Uma arte que, nas palavras de Alberto García-Alix, é o século XX. A isto, deveríamos também acrescentar os anos já passados do XXI, pois nela está o que fomos e o que somos, bem como o que foi feito, destruído e, por vezes, esquecido.

Uma arte “democrática”, também nas palavras deste detentor do Prémio Nacional de Fotografia, graças a uma acessibilidade que permite a todos armazenar lembranças e sensações com extrema facilidade.

Uma arte que transmite ao mesmo tempo conhecimento e emoções, objetivo que perseguimos com o trabalho inédito de García-Alix.

A presente exposição, encomendada pela nossa Fundação e incluída no projeto que designamos por MIRADAS DE ASTÚRIAS, pretende refletir uma visão pouco convencional, mas nem por isso menos real, das Astúrias.

Uma região tão plural como o seu nome, cujos variados rostos serão refletidos pela obra dos mais reputados e prestigiosos fotógrafos até que se configure um todo que, confiamos, será referência obrigatória de todos os que procuram o conhecimento e a interpretação das Astúrias do nosso tempo.

Esta aventura não podia ter um início mais animador, com o olhar sempre radical e rigoroso de Alberto García-Alix, cuja procura nos confronta com imagens de extraordinário valor e força.

Apoiar e realizar este ambicioso projeto global é um desafio em que a Fundação María Cristina Masaveu Peterson se lança com o esforço sonhador com que leva a cabo todas as suas atividades, desejando que estas contribuam modestamente para uma sociedade mais aberta e equilibrada em todos os seus setores.

Fernando Masaveu
Presidente da Fundação María Cristina Masaveu Peterson

É com muita honra que a Fundação EDP apresenta, no Museu da Eletricidade, a exposição “Pátria Querida”, de Alberto García-Alix. E à honra que temos junta-se a alegria pelo privilégio de encontrarmos amigos.

Honra, porque García-Alix é um grande fotógrafo espanhol, Prémio Nacional de Fotografia, com uma carreira internacional reconhecida. Acresce que esta é a primeira vez que se faz em Portugal uma exposição deste fotógrafo de referência. Podemos, por isso, dizer que assim suprimos uma lacuna existente.

Outra razão para nos sentirmos honrados tem a ver com a qualidade e a dimensão desta exposição, integrada no ambicioso e muito relevante projeto “Miradas de Asturias”, promovido pela Fundación María Cristina Masaveu Peterson, uma instituição muito prestigiada, possuidora de uma extraordinária coleção de arte e que vem desenvolvendo uma atividade cultural de grande importância, utilidade e mérito.

A tudo isto, junta-se o facto de entre a EDP e a Fundación María Cristina Masaveu Peterson existirem laços muito estreitos e fecundos. Daí o prazer que temos em estar com amigos. Com esta exposição, a Fundação EDP e a Fundación María Cristina Masaveu Peterson iniciam uma colaboração que se traduz numa parceria valiosa que desejamos continuar no futuro.

No mundo global do século XXI, a arte acontece em rede, o que permite realizar intercâmbios, potenciar investimentos, ampliar iniciativas, consolidar parcerias, promover a circulação de projetos, divulgar obras e artistas. Sei que as nossas duas instituições estão conscientes dos desafios que este tempo tão difícil, exigente e complexo apresenta e sabem que as respostas têm de ter na cultura um dos seus centros.

A fotografia é talvez a arte que é mais do nosso tempo. É, como lhe chama García-Alix, uma “arte democrática”, cujo estatuto artístico não tem cessado de se afirmar e valorizar. Esta exposição dá-nos, deste admirável fotógrafo, uma “visão poética e intensa, entre a realidade e a alegoria”, como se diz no catálogo. Uma visão que não é apenas das Astúrias, pois é também da natureza, da vida, do mundo e da própria condição humana. Com a sua máquina fotográfica, García-Alix capta a raiz das coisas e o olhar das pessoas, presente enigmas e desvenda objetos, evidencia arquiteturas e capta sombras e luzes. Do território das Astúrias, ele dá-nos um mapa visual com os seus percursos, as suas rotas, os seus marcos, os seus sinais, as suas escalas.

Quero, em nome da Fundação EDP, agradecer à Fundación María Cristina Masaveu Peterson esta colaboração, saudando calorosamente o seu presidente, D. Fernando Masaveu, e testemunhando-lhe o meu apreço. Felicito García-Alix, o comissário Nicolás Combarro e todos os que participaram neste projeto. Estou certo de que será muito apreciado, revelando ao público português um artista e uma obra que é das mais significativas do nosso tempo.

António de Almeida
Presidente do Conselho de Administração da Fundação EDP

DE 26 JUN
A 18 AGO
2013
FROM 26 JUN
TO 18 AGO

MUSEU DA ELETRICIDADE
AV. DE BRASÍLIA, CENTRAL TEJO
WWW.FUNDACAOEDP.PT

TERÇA A DOMINGO
DAS 10.00 ÀS 18.00
ENTRADA LIVRE
TUESDAY TO SUNDAY
FROM 10.00 TO 18.00
FREE ENTRANCE

Com respeito absoluto pela liberdade criativa do fotógrafo Alberto García-Alix, a Fundação María Cristina Masaveu Peterson lança uma iniciativa de grande fôlego: MIRADAS DE ASTÚRIAS. Um projeto que promove, através do mecenato, a criação de um Fundo de obras inéditas sobre as Astúrias e as suas gentes, enformadas pela visão pessoal e única de fotógrafos prestigiosos.

Nesta primeira edição, Alberto García-Alix é o primeiro fotógrafo convidado pela Fundação. Em PÁTRIA QUERIDA, o seu olhar funde-se com o ambiente através de paisagens industriais, arquiteturas desafiantes, naturezas abstratas e retratos singulares.

A Fundação María Cristina Masaveu Peterson, em colaboração com a Fundação EDP, apresenta no Museu da Eletricidade a exposição MIRADAS DE ASTÚRIAS. Por Alberto García-Alix. PÁTRIA QUERIDA, comissariada por Nicolás Combarro.

FUNDACIÓN
M^ª CRISTINA MASAVEU PETERSON
www.fundacioncristinamasaveu.org

fundação **edp**

museu da
eletricidade

MIRADAS DE ASTURIAS | MECENAZGO
FUNDACIÓN MARÍA CRISTINA MASAVEU PETERSON



Pátria Querida

Alberto García-Alix

Nicolás Combarro / Alberto García-Alix

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Se me permites, vamos começar pelo princípio. Como encaraste a incumbência que te chegou pela Fundação María Cristina Masaveu Peterson?

(A) O que me atraiu no projeto foi que me dava toda a liberdade para andar por onde quisesse, para olhar como e onde quisesse. Nenhumas condições foram impostas ao meu olhar.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) A única condição é que fosse um olhar sobre as Astúrias. (A) O que era fascinante era que me oferecia um “território de caça”. Apesar de já conhecer as Astúrias, nunca tinha lá fotografado, por isso fui sem nenhuma ideia pré-concebida. Com a câmara, a visão é diferente. A fotografia é uma busca.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Aquilo que ativa o teu olhar consiste em encontrar nas Astúrias a tua própria imagem. Uma visão pessoal de um território.

(A) Assim que pego na câmara e começo a olhar, tenho de sentir-me e sentir as Astúrias, são os meus olhos que olham. Divido, fragmento pedaços dessa realidade para construir uma espécie de imaginário das Astúrias. Sendo assim, para onde irei olhar? Esta é a decisão que tomo enquanto fotógrafo. Com a câmara, obrigo-me a olhar. Procuo ritmos, ressonâncias que se fazem visíveis na atmosfera, no ar, na posição das personagens.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Ao olhar as imagens, uma coisa chama a atenção. Apesar de muito diferentes umas das outras, partilham precisamente esse ambiente, como se ao vermos o conjunto das imagens nos ficasse uma sensação.

(A) A mim, fica-me a ressonância do que vi: uma casinha pendurada numa encosta, outra perdida num mar de verde. E tudo sob a luz e as minhas sensações desse momento. Tudo isso conduz o meu olhar. Trabalho erráticamente, como bem sabes; posso não estar no sítio adequado, mas obrigo-me a olhar. Não procuro uma beleza formal, isso não me diz nada. Persigo a minha intenção através de uma posição de câmara que fragmenta a realidade das Astúrias que olho.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) É verdade que quando se pensa que algo de concreto te vai interessar, imediatamente encontras a foto onde menos esperamos. Assim, é com efeito muito complicado prever onde irá para ti aparecer a foto.

(A) Onde reconhecês a foto... Não é onde ela deveria estar, mas sim onde o fotógrafo a reconhece. Por exemplo, quando vi o rasto da explosão de um foguete numa romaria (pág. 109), compreendi que era essa a foto que queria. A explosão do foguete tem ressonâncias de festa, de gaitas. Uma realidade abstrata impõe-se sobre esse céu.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Precisamente nessa foto, juntam-se diferentes variáveis a que pensava chegar mais adiante, mas já que falas nisso... Essa fotografia cumpre uma dupla função; sendo figurativa, tende para a abstração, pois é afinal uma composição visual pura: a luz, a forma... E ao mesmo tempo é alegórica, cumpre uma função simbólica, aquilo a que muito bem chamas “ ressonâncias”. Através de algo aparentemente simples, denotas muitas coisas.

(A) A imagem é sempre uma metáfora de si própria. O fumo do foguete fala-nos de vida, de festa. Uma experiência comum a todos os asturianos e todos os espanhóis.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) A imagem, por si só, cumpre uma função quase total, mas tu ainda lhe acrescentas todos esses significados. É neste trabalho, creio, que se volta a encontrar essa capacidade de contar coisas universais a partir de elementos simples.

(A) Elementos sobre os quais pousa o meu retorno olhar, que procura sentir um deslumbre através da câmara. Por exemplo, uma revelação nesta linha de sarças que tem, por trás, umas casinhas. É a minha maneira de entender as Astúrias, de as ver. Uma rajada de emoção.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Precisas de sentir surpresa ao olhar.

(A) Ao olhar e ao encontrar. Enquanto fotógrafo, obrigo-me a deter-me naquilo que estou a olhar. Tudo, seja um cão, seja uma casa, tem de viver num ritmo emocional e, logo, dizer-nos algo.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Nessas fotos das casinhas há um jogo de escala em que alcanças, através da imagem, uma sensação que todos já tivemos ao ver uma construção pequena ao longe. Consegues enfatizá-la através da fotografia.

(A) É que nas Astúrias um castelhano sente-se um pouco anão. Há um jogo de escalas com a realidade perante essa paisagem e essa vegetação. De longe, essa realidade, essas casas, tem algo como um presépio pendurado no espaço.

Alberto García-Alix, 2008.

Dá-me essa sensação quando vejo as casinhas isoladas nas montanhas.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Por vezes, tenho a impressão de que estás a contar um conto através das fotografias. Uma ficção a partir da realidade.

(A) Ou uma realidade a partir da ficção. O que importa é que necessito de dialogar com o que olho. Perante uma árvore centenária, ao olhá-la através da câmara, consigo ver os seus veios e um fragmento da personalidade das Astúrias (pág. 79).

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Por exemplo, na foto dos cardos (pág. 132), fotografas de um modo muito próximo, o que te permite individualizar o tema, separá-lo do circundante, dando-lhe um aspecto antropomorfo, quase como um retrato.

(A) Para mim, eles também são um totem das Astúrias. Talvez o mais humilde. Não sou um fotógrafo da natureza, se olho para ela é por estar à procura de elementos de tensão.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Também não és um fotógrafo de arquiteturas, e há muitas no presente trabalho.

(A) São retratos de olhares. Estava a andar por Gijón, levantei os olhos e de repente deparei com uma massa enorme acima da minha cabeça (pág. 137). Uma perspectiva assim gera um deslumbre. Ao olhar pela câmara, procuro o que me faz palpitar.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Procuras aí, mais uma vez, a tensão, sublinhando-a por meio da composição e do ponto de vista. Parece que os edifícios estão a desabar, deformados.

(A) Gera-se sempre um ritmo quando colocamos no espaço que se vê pela câmara. É preciso decidir se avançamos ou recuamos. Onde sentimos. Se isso traz algo. A posição da câmara. Focar ou não focar. Ser ou não ser. Mas não deixa de ser um olhar deslumbrado até ao céu. Um encontro.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Mas afastas-te daquilo que poderíamos considerar edifícios icónicos das Astúrias. Precisas, como acabaste de dizer, de sentir um impulso, uma emoção ao confrontá-los. Aconteceu-te o mesmo noutros projetos, em Paris, na China... Trata-se de ti no lugar, das relações que estabelececs com ele, das tuas sensações.

(A) A fotografia é o espaço onde me invento. Qualquer espaço é válido desde que me permita olhar. Ainda tenho por fazer

Alberto García-Alix, 2008.

nas Astúrias. Sinto que fazem parte de mim, já as tenho nas retinas, na minha vida.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Também está presente aquela abordagem de que costumas falar, que consiste em encontrar predisposição para enfrentar o trabalho e o peso que implica.

(A) Há que ter o coração na boca. Levantar-me e sair por aí com a câmara à procura de um encontro. Há que predispor-se a olhar. Uma obrigação tensa. Olho através de um monólogo comigo próprio: “que me diz isto que vejo? de que me fala?” É no meu monólogo que devo encontrar a intenção do meu olhar. Como naquele jogo de proporções com a casinha solitária ao fundo de um oceano verde. O mesmo se passa nessa paisagem de montanhas com nuvens. Também ali estamos nós, tu e eu. Presentes diante desse espaço. Essas Astúrias, nossas e de todos. A grande virtude do fotógrafo é decidir como e onde olhar.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Procuras conduzir as pessoas à tua perspectiva, fazê-las olhar para as Astúrias a partir do teu presente. E esse presente é universal. Apesar de qualquer olhar ser sempre parcial, neste trabalho, quando o olhamos, sentimos essas Astúrias de que nos queres falar... Estás a contá-las através da fotografia, oferecendo-as assim a uma larga fatia do público. Apesar de o olhar não ser o delas, essas pessoas poderão partilhar o teu olhar por um momento.

(A) A imagem é simples de entender. A questão importante é se nos “fala”. Quando fomos às minas, o que me chamou a atenção foram os cartazes de raparigas nas paredes das oficinas (pág. 50). É uma coisa muito habitual. Em tempos, também tive as paredes forradas de raparigas. Também me atraiu algo que vi numa sala: um relógio desproporcionado numa parede. Uma dura realidade com uma atmosfera de sonho (pág. 67). Também fotografei o que vê um mineiro numa cama da enfermaria (pág. 66). Um cartaz com um esqueleto. Desproporcional e fragmentado. Foi essa a visão que me deixou a miná. Talvez esteja arrependido de não ter feito mais retratos. No fim de contas, íamos ao sabor da própria viagem.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Contudo, há retratos muito poderosos. (A) Bem, retratei os meus amigos... Não fiz muitos retratos nesta viagem. Era um caminho sempre em frente.

(NC) É verdade que és tradicionalmente identificado como um grande retratista.

(A) Para mim tudo é retrato. Quando olho para as Astúrias, estou a retratá-las. O mesmo se passa com uma pessoa. Também tenho de procurar uma escala, um espaço, uma pulsão, um olhar, uma sinceridade, que me permita captá-la. Por exemplo, no caso do poeta David, a forma como entra pela parte superior do plano (pág. 91). Fico muito contente por ter podido retratar amigos, reencontrar pessoas que prezo. Quando gostas de alguém que vive noutra terra e vais ver essa pessoa, sentes a terra dela como se fosse também tua. É uma lei da vida. Por isso lhe chamo Pátria Querida. Porque me sinto de alguma forma ligado a esta terra. Nunca esquecerei este olhar.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) É “querida” para eles e para ti, vê-se por este trabalho. (A) “Pátria querida” é um conceito que todos conhecemos, que fala do amor pela terra. Quando me ofereceram este trabalho, a primeira ressonância que me veio à cabeça foi... Pátria querida. É uma coisa muito poderosa.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) De que maneira a câmara modifica a tua experiência, como é viver as coisas através do teu olhar?

(A) Viver. Sim, para mim a fotografia é alegria de viver. Permite-me uma procura para reconhecer e reconhecer-me no meu olhar. Por exemplo, deitado na terra a fotografar uns cardos...

(NC) Sim, mas um cardo normalmente não é muito interessante, a maneira como o fotografas é que o singulariza.

(A) Emociona-me ver como ele se conforma ao espaço. Algo que às vezes não se vê diretamente, surpreende-nos quando o vemos pela câmara.

(NC) Isso é curioso porque, como disseste, não tinhas uma relação muito próxima com a natureza. Não há dúvida que nesta viagem se sente uma pulsão maior...

(A) Nas Astúrias, a natureza está sempre presente. Na paisagem, mesmo que estejas a olhar para uma vedação metálica, há sempre um elemento natural que fragmenta os espaços.

(NC) Contudo, há retratos muito poderosos.

(A) Bem, retratei os meus amigos... Não fiz muitos retratos nesta viagem. Era um caminho sempre em frente.

Alberto García-Alix, 2008.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Há jogos entre elementos em planos distintos, com desfocagens, de modo a gerar volume dentro da imagem, em busca de profundidade.

(A) Talvez só os retratos feitos contra o céu, a contraluz, sejam os únicos em que isto não acontece. Como o da minha amiga Ana (pág. 114).

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) E os cães? Também são retratos, estão muito humanizados.

(A) Sempre despertaram a minha curiosidade. Procuo um pouco das suas personalidades.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Aparecem também outros animais, cavalos, por exemplo (pág. 37).

(A) Para mim não é tanto um cavalo como uma ressonância das Astúrias. Muito visível, e também muito sonhadora.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Além disso, deixas tudo um pouco desfocado, tornando as coisas mais alegóricas e deixando mais espaço para o devaneio. Porque usas essas desfocagens?

(A) Procuo uma vibração que possa converter-se num devaneio visual de onde se possa partir. Este mar desfocado, que vibra frente às rochas (pág. 122). A composição de brancos e negros, os brilhos. Parece capaz de animar-se.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Efetivamente, porque o mar nunca está quieto. No entanto, existem outras fotografias em que congelas o tempo de forma mais evidente. Serão, talvez, mais “hiper-realistas”. Tudo está perfeitamente definido, descrevendo, juntamente com as anteriores, uma parábola que torna o trabalho mais interessante. Há uma imagem de uma estrada com casas que parecem estar a cair umas sobre as outras, onde a realidade está como que desordenada. Um caos que só se ordena através da foto (pág. 19).

(A) Os olhos tratam sempre de ordenar o espaço, mas a câmara não. Com a câmara, é preciso entender como posicionar essa realidade fragmentada, destacando o que nos interessa. Fascina-me o ritmo que gera.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) É uma realidade que desconstróis e reconstróis através da fotografia. Como naquela tua maneira de encarar as arquiteturas, onde opões linhas de tensão quase barrocas a formas minimalistas.

Alberto García-Alix, 2008.

(A) Sim, está aí a educação geométrica do meu olhar. É só um momento, apenas instinto visual.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Aquelas fotos em que recortas os céus com os edifícios. Não é um olhar que nos ocorra habitualmente.

(A) Mas existe, isso sabe-o qualquer criança deslumbrada com o que olha. Parto desse deslumbre, mas logo entra em jogo a malícia do meu olhar, a minha capacidade de ordenar esse espaço, de identificar de que me fala, de que nos fala. Quando olho pela câmara, vejo-me obrigado a refletir sobre o que vejo. Tenho de olhar por todos os ângulos e encontrar os diferentes elementos que formam a imagem. Deixo que essa realidade que vejo me invada. Fala-me do mundo moderno, da solidão, do espaço, da angústia. Precio sentir isso na minha própria escala emocional.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) E os autorretratos? Neste trabalho fizeste poucos, mas há um em que surges por um lado da foto (pág. 41).

(A) Procurava reconhecer-me a mim próprio na tensão daquela decoração.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) E ao mesmo tempo, mostras-te ao espectador. Num ato que não é de vaidade, mas sim de sinceridade.

(A) Estou a dar uma prenda a mim mesmo. Sempre fiz autorretratos. Sou apenas mais uma personagem nas minhas fotos.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Tal como neste autorretrato, noutros retratos observa-se uma intensa relação entre o sujeito e a arquitetura, com o espaço construído em diferentes planos.

(A) Sim, gosto deste tipo de ângulos. Procuo neles não apenas a personagem, mas também situá-la numa decoração grandiosa que lhe é apropriada. Uma tensão. Antes tentava ordenar o espaço de outra maneira. Agora, procuro senti-lo a partir de um ponto de vista diferente. Talvez os ângulos estejam mais aberrantes, mas a foto não está menos ordenada. Essa é a sua virtude. O plano descompõe-se, mas o olhar ordena-o. Onde entra a personagem, onde ganha protagonismo, que mundo tem por trás de si. Ocorre uma sensação, como se quem estava a olhar fosse um anão e tudo assim se redimensionasse. O que me importa, no primeiro momento perante uma foto, é como me posiciono diante do que estou a olhar.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) E nos retratos? (A) É o mesmo, uma procura pela personalidade da máscara. No momento em que procuramos um retrato, devemos olhar nos olhos a personagem e sentir a sua pulsão.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Diriges sempre a força para o olhar.

(A) Sim, para o olhar do fotografado, quero que dialogue com o espectador.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) É visível nos retratos quando a relação com o fotografado é mais intensa, como no caso da fotografia da tua amiga Ana.

(A) A Ana é a asturiana de quem mais gosto, mas isso é algo entre ela e eu. Neste retrato, procuro a força dela e, se queres saber, a luz da sua terra. Gostaria de ter feito mais retratos, mais Astúrias, mais asturianos.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Realmente, o trabalho nunca acaba.

(A) Sim, continua sempre.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Há um jogo de escala em que alcanças, através da imagem, uma sensação que todos já tivemos ao ver uma construção pequena ao longe. Consegues enfatizá-la através da fotografia.

(A) É que nas Astúrias um castelhano sente-se um pouco anão. Há um jogo de escalas com a realidade perante essa paisagem e essa vegetação. De longe, essa realidade, essas casas, tem algo como um presépio pendurado no espaço.

Alberto García-Alix, 2008.

Dá-me essa sensação quando vejo as casinhas isoladas nas montanhas.

Alberto García-Alix, 2008.

(NC) Também está presente aquela abordagem de que costumas falar, que consiste em encontrar predisposição para enfrentar o trabalho e o peso que implica.

(A) Há que ter o coração na boca. Levantar-me e sair por aí com a câmara à procura de um encontro. Há que predispor-se a olhar. Uma obrigação tensa. Olho através de um monólogo comigo próprio: “que me diz isto que vejo? de que me fala?” É no meu monólogo que devo encontrar a intenção do meu olhar. Como naquele jogo de proporções com a casinha solitária ao fundo de um oceano verde. O mesmo se passa nessa paisagem de montanhas com nuvens. Também ali estamos nós, tu e eu. Presentes diante desse espaço. Essas Astúrias, nossas e de todos. A grande virtude do fotógrafo é decidir como e onde olhar.

(NC) É “querida” para eles e para ti, vê-se por este trabalho.

Alberto García-Alix, 2008.

(A) “Pátria querida” é um conceito que todos conhecemos, que fala do amor pela terra. Quando me ofereceram este trabalho, a primeira ressonância que me veio à cabeça foi... Pátria querida. É uma coisa muito poderosa.

Alberto García-Alix, 2008.

Alberto García-Alix, 2008.

Alberto García-Alix, 2008.

Alberto García-Alix, 2008.

Alberto García-Alix, 2008.